

A Visão europeia: Cuba converge com Europa sem se aproximar dos Estados Unidos

Escrito por Indicado en la materia

Sábado, 29 de Noviembre de 2014 10:36 - Actualizado Martes, 02 de Diciembre de 2014 11:15

As negociações entre Cuba e a União Europeia para substituir a [Posição Comum de 2003](#), que condiciona a aproximação entre Bruxelas e Havana ao desenvolvimento democrático na ilha, por um acordo de cooperação mais flexível podem ser concluídas no próximo ano sem que, paralelamente, tenham se normalizado [as relações diplomáticas com os Estados Unidos](#), que exige não só a abertura econômica, mas também avanços em termos de liberdades políticas.



Nenhum dos ministros e mensageiros estrangeiros recebidos por [Raúl Castro](#) nos últimos anos — o titular das Relações Exteriores espanhol José Manuel García-Margallo esteve na ilha esta semana, mas não foi recebido pelo governante — teve indicações de que serão realizadas iniciativas oficiais nessa direção.

América Latina é partidária de incluir à ilha em todos os foros regionais

A Visão europeia: Cuba converge com Europa sem se aproximar dos Estados Unidos

Escrito por Indicado en la materia

Sábado, 29 de Noviembre de 2014 10:36 - Actualizado Martes, 02 de Diciembre de 2014 11:15

Enquanto isso, assim como durante a presidência de José María Aznar —correia de transmissão na Europa das políticas de endurecimento patrocinadas por [George W. Bush](#) para ativar sublevações populares —, a Administração de Barack Obama também quer aproveitar as relações fluidas entre Madri e Havana, mas em outro sentido. Faz isso para somar-se à distensão latino-americana e europeia, tentando influir em seu desenvolvimento.

mais informações

- [Brasil e México se lançam a ocupar posições em Cuba](#)
- [A maioria nos EUA apoia normalizar relações com Cuba](#)
- [A UE e Cuba avançam para assinar seu primeiro acordo bilateral](#)
- [UE desembarca em segredo em Cuba](#)
- [A rotina diplomática de Fidel](#)
- [Cuba acusa os EUA de provocar perdas multimilionárias com o embargo](#)
- [Cuba aposta no porto de Mariel](#)

Ao contrário de Bush, Obama não promove uma insurreição geral na maior das Antilhas porque as consequências seriam graves, mas tampouco renuncia a operações encobertas que estimulem descontentamentos sociais ou suficientemente intensos a fim de obrigar o Governo cubano a ceder poder. Acostumado à resistência, o regime mantém sua posição. A belicosidade dos Estados Unidos, no entanto, perde espaço político, porque a UE tem problemas mais importantes do que se envolver em uma cruzada contra o comunismo caribenho, e porque a América Latina, quase em bloco, é mais partidária de integrar a ilha em todos os fóruns democráticos regionais do que de forçar a implantação de mudanças democráticas em Cuba.

A esquerda e a social-democracia governam do Rio Grande à Terra do Fogo, e o embargo e o radicalismo dos EUA com Havana comprometem sua relação com o resto da América Latina.

O [México quer recuperar sua influência histórica na estratégia ilha](#), debilitada durante a convergência com Washington na política externa dos Governos do conservador Partido Ação Nacional (PAN).

Como anfitrião da próxima Cúpula Ibero-americana em Veracruz, o México compensou 70% da dívida cubana para ganhar posições na classificação de sócios comerciais e políticos de Cuba e tratar de emparelhar-se ao Brasil, à frente de Colômbia e Argentina. [A Venezuela lidera a relação de aliados de Cuba](#)

. “Esperamos que se a UE assinar o acordo de cooperação política conosco, e depois do que

A Visão europeia: Cuba converge com Europa sem se aproximar dos Estados Unidos

Escrito por Indicado en la materia

Sábado, 29 de Noviembre de 2014 10:36 - Actualizado Martes, 02 de Diciembre de 2014 11:15

está sendo visto na América Latina, Obama afrouxe um pouco”, diz um membro do Partido Comunista de Cuba (PCC), convencido de que a conjuntura internacional não favorece a continuação das políticas de

[isolamento e castigo historicamente aplicadas por Washington](#)

. “Já sabemos que o levantamento do bloqueio depende do Congresso, mas Obama pode fazer outras coisas, como por exemplo permitir que os norte-americanos possam viajar para Cuba”.

A percepção é triunfalista nos âmbitos mais militantes do castrismo na ilha. O editor da primeira página de um jornal esquerdista distribuído pela Embaixada de Cuba em Madri é revelador: “A União Europeia dobra os joelhos diante de Cuba: depois os Estados Unidos?”. “Cuba moveu fichas estratégicas sem ceder um ponto em suas proposições ideológicas”, acrescenta *Cubainformación*, editado pela associação Euskadi-Cuba.

México quer recuperar sua histórica influência na estratégica ilha

Outras fontes antecipam, no entanto, que se a revolução permanecer no imobilismo político, Obama só aprovará as medidas majoritariamente aceitas pela comunidade cubana nos Estados Unidos, e suscetíveis a beneficiar eleitoralmente o próximo candidato democrata nas eleições presidenciais de 2016.

Com os olhos voltados para o comportamento e a influência política dos compatriotas instalados em Miami, Nova York ou Nevada, o regime observa satisfeito como as últimas pesquisas indicam que a maioria da diáspora [apoia uma maior flexibilização na política dos EUA em relação à ilha](#). “Os cubanos da primeira geração controlam as emissoras de rádio mais contrarrevolucionárias de Miami. Fazem muito barulho e parece que representam toda a comunidade, mas não é assim pois a maioria dos cubanos chegou aos EUA a partir dos anos 1980”, diz um jornalista veterano da imprensa de Havana. No ano passado, 600.000 cubanos visitaram seus familiares em viagens de ida e volta.